



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

AMANDA DANIELLY FERREIRA GALVÃO

**A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA E O DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS E HABILIDADES COMUNICATIVAS**

Itaituba – Pará

2021

AMANDA DANIELLY FERREIRA GALVÃO

**A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA E O DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS E HABILIDADES COMUNICATIVAS**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao
curso de Licenciatura Plena em Letras da Faculdade de
Itaituba para obtenção do título de Licenciatura Plena
em Letras.

Itaituba – PA
2021

AMANDA DANIELLY FERREIRA GALVÃO

**A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA E O DESENVOLVIMENTO DE
COMPETÊNCIAS E HABILIDADES COMUNICATIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciatura
Plena em Letras.

Orientador (a): Prof.^a ma. Mara Ap.^a Pereira do Nascimento.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente/Orientadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Ma. Mara Ap.^a Pereira do Nascimento

Avaliador(a): _____ Nota: _____
Prof.^a Ma. Maria Danielle Lobato Paes

Avaliador (a): _____ Nota: _____
Prof.^a: Esp. Veronica Gomes Moreno

Resultado: _____ Média: _____

Data: 01 março de 2021

*Dedico este mérito a minha avó Anôntia e
aos meus filhos Dayso, Ananda, David e Alana.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, o provedor de todas as coisas, que permitiu essa conquista.

Agradeço a Faculdade de Itaituba (FAI), pela oportunidade, ao seu corpo docente pelas informações adquiridas durante todo o caminho percorrido, em especial a minha orientadora, professora Mara.

Aos meus amigos e aos colegas do curso de Letras, citando José Maria, Fabya, Elem E Josiane.

A minha família, citando meu irmão Angelo, meu tio Galvão.

Agradeço a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, com a minha formação.

“A língua... é uma ponte que te permite atravessar
com segurança de um lugar para outro”. (Arnold Wesker)

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral observar a relevância da Pragmática para as práticas de leitura, interpretação e de produção textual, e específicos situar esta disciplina nos estudos da linguagem, obter conhecimento teórico quanto a definição, origem, o objeto de estudo e principais teorias da Pragmática; identificar as fronteiras existentes entre os estudos semânticos e pragmáticos. A metodologia utilizada para o alcance destes objetivos trata-se de uma pesquisa de natureza básica, exploratória-descritiva, tendo a pesquisa bibliográfica como procedimento técnico e a abordagem para análise dos dados coletados é qualitativa. Ficou passível de conclusão que lançar um olhar docente para a Pragmática Linguística na prática cotidiana das aulas de Língua Portuguesa auxilia efetivamente no desenvolvimento de competências e habilidades comunicativas, que apontam para o letramento que deve ser o objetivo prioritário. As atividades relativas a esta área do saber devem ser dosadas conforme o nível e modalidade de ensino e, por conta do seu caráter interpretativo e analítico exercitam habilidades do processo da crítica reflexiva, apontando para a emancipação, para a concretização da cidadania ativa, bem como, provém mecanismos intelectuais para os estudantes darem prosseguimento a estudos posteriores e para que venham participar do mercado de trabalho competitivo e exigente com capacitação adequada.

Palavras chave: Pragmática. Ensino. Competências. Habilidades. Comunicativas.

ABSTRACT

This study has the general objective of observing the relevance of Pragmatics for reading, interpretation and textual production practices, and specifying this discipline in language studies, obtaining theoretical knowledge regarding the definition, origin, object of study and main theories of Pragmatic; identify the existing boundaries between semantic and pragmatic studies. The methodology used to achieve these objectives is a basic, exploratory-descriptive research, with bibliographic research as a technical procedure and the approach to analyze the collected data is qualitative. It was possible to conclude that taking a teaching look at Linguistic Pragmatics in the daily practice of Portuguese language classes effectively helps in the development of communicative skills and abilities, which point to the literacy that should be the priority objective. The activities related to this area of knowledge must be measured according to the level and modality of teaching and, because of its interpretative and analytical character, they exercise skills in the process of reflective criticism, aiming at emancipation, for the realization of active citizenship, as well as , provides intellectual mechanisms for students to pursue further studies and to participate in the competitive and demanding job market with adequate training.

Keywords: Pragmatics. Teaching. Competences. Skills. Community.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: O lixão

Ilustração 2: Um mal entendido

Ilustração 3: Obesidade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1 A PRAGMÁTICA: ASPECTO HISTÓRICO-EVOLUTIVO	13
2.2 A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA E SUAS POSSÍVEIS DEFINIÇÕES.....	15
2.3 O PRAGMATISMO LINGUÍSTICO: ALGUMAS CONCEPÇÕES	17
2.4 O QUARTETO DAS TEORIAS DA PRAGMÁTICA.....	20
2.4.1 Teoria das implicaturas	20
2.4.2 Teoria dos atos da fala.....	22
2.4.3 Teoria da polidez.....	23
2.4.4 Teoria da análise da conversação	25
3 METODOLOGIA.....	27
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	28
4.1 UM OLHAR PARA A PRAGMÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	28
4.2 A PRAGMÁTICA NA PRÁTICA DISCURSIVA	32
4.3 A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO DE LEITORES	39
4.3 O ENSINO DA PRAGMÁTICA SEGUNDO A TEORIA DE GRICE	41
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivos observar a relevância da Pragmática para o práticas de leitura, interpretação e produção textual, obter conhecimento teórico quanto a definição, origem, objeto de estudo, principais teorias, bem como, sobre as fronteiras existentes entre os estudos semânticos e pragmáticos.

A problematização motivadora para o tema partiu da reflexão de que, apesar de tantas críticas à gramática tradicional, o ensino de Língua Portuguesa ainda privilegia a Morfologia, a Sintaxe e a Fonética. Os alunos decoram regras e exceções da norma padrão, por meio de exercícios mecanizados, geralmente, através do livro didático. Por consequência, eles não se manifestam como falantes da língua na aula porque sua gramática internalizada é desconsiderada. Tal panorama foi observável na formação escolar desta pesquisadora, nos estágios supervisionados e na experiência docente. Portanto, dedicar-se ao tema em questão se justifica como pertinente, visto que, ao término de uma Licenciatura Plena em Letras, se faz necessário inteiração e reflexão quanto às dificuldades, já buscando metodologias que possam contribuir para melhorias do processo ensino/aprendizagem.

Quanto a metodologia utilizada para o alcance destes objetivos: trata-se de uma pesquisa de natureza básica, exploratória-descritiva, tendo a pesquisa bibliográfica como procedimento técnico e a abordagem para análise dos dados coletados é qualitativa. Foram coletadas informações relevantes para o alcance dos objetivos propostos, citando-se Guimarães (1983), Austin (1990), Ilari (2001), Bagno (2001), Lora (2003), Marcuschi (2000 e 2006), Bavaresco (2011), Berticelli e Schiavini (2013), entre outros de grande valia para este estudo.

Este Trabalho de Conclusão de Curso estrutura-se por fundamentação, trazendo a Pragmática desmembrada em definições, histórico, concepções e teorias. Na sequência, detalha-se a metodologia e, em seguida, apresentam-se o resultados e discussões iniciando por discussão quanto aos entraves para o ensino efetivo de língua portuguesa, apontando para a falta de um trabalho

voltado à Pragmática, bem como, sugestões de pesquisadores quanto à atividades introdutórias e assimilativas envolvendo esse saber para o exercício de habilidades comunicativas. Finaliza-se com a conclusão e com a apresentação das referências utilizadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A PRAGMÁTICA: ASPECTO HISTÓRICO-EVOLUTIVO

A preocupação do homem sobre a linguagem já estende desde a Grécia antiga, quando os filósofos buscavam respostas quanto a como ocorre a nomeação das coisas e se as palavras escolhidas imitam os objetos e, principalmente, como a linguagem se organiza.

Conhecer o léxico de uma língua e ser capaz de decodificá-lo não é o suficiente para compreender o significado implícito dessa língua, pois é necessário, também, reconhecer as intenções do falante no momento da enunciação (SILVEIRA, 2007).

Portanto, o interesse pelo estudo da Pragmática que explica como o significado é alcançado, sobretudo os efeitos de sentido que vão além do que é dito explicitamente, aumentou consideravelmente nas últimas décadas (LEVINSON, 1983).

Os questionamentos relacionados à linguagem tomaram forma mais científica no século XX, com objeto, objetivo e método quando surgiu a Linguística Moderna com o Curso de Linguística Geral de Saussure, o qual conceituou a língua como um sistema de signos, mais especificamente, um conjunto de unidades que estão organizadas formando um todo.

O termo Pragmática foi apresentado pela primeira vez em um estudo realizado por Morris em 1938 e, desde então, muitas já foram as modificações apresentadas a este conceito. Portanto, conceituar o termo Pragmática ainda se revela uma tarefa complexa (LEVINSON, 1983).

Morris (1938), inspirado nas idéias de Peirce de que havia relação entre os signos e seus intérpretes, atribuiu o nome de "Pragmática" ao estudo dessas relações, enquanto que a Sintaxe ficou sendo o estudo das relações formais entre si, e a Semântica, como o estudo das relações dos signos com os objetos aos quais são aplicáveis (SILVEIRA, 2007).

A pragmática surge nos Estados Unidos Em meados de 1870, estendendo-se para a Inglaterra, para a Itália, entre outros países, gradativamente, de formas variadas até a atualidade.

O pragmatismo nos Estados Unidos vai desde a Guerra Civil até meados do século XX, visto que a Guerra Civil “desacreditou radicalmente as pressuposições e crenças básicas que definiam a vida intelectual”, fazendo surgir filosofias mais analíticas, eruditas e originais do que quaisquer outras antes”. Portanto, o pragmatismo se localiza nessa parte do desenvolvimento filosófico estadunidense, denominada de filosofia norte-americana moderna, que rompe com a fase primitiva (STROH, 1972).

Da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX, os Estados Unidos passaram de uma pequena nação para uma nação líder mundial, crescimento rápido que além compreender aumento de população, de industrialização e de urbanização, também trouxe consigo grande desenvolvimento de esforços no campo intelectual e científico, inclusive, havendo crescimento significativo na quantidade de universidades, ressaltando-se também que a Filosofia como disciplina obteve maior reconhecimento (STROH, 1972).

Neste contexto, a Pragmática despontou a no seio da Filosofia e alguns filósofos postularam o contexto e o usuário como componentes imprescindíveis para a construção do sentido por meio das interações verbais. Posteriormente, linguistas, passaram a investigar como a linguagem pode dizer mais do que diz através da estrutura linguístico-discursiva (ESPINDOLA, 2001).

Mais precisamente, a Pragmática desponta em Massachusetts (EUA), entre 1872 a 1874, um grupo de estudiosos, formados em Cambridge, tais como Chauncey Wright Abbot, Charles Sanders Peirce, o pai da Semiótica e William James Holmes Jr, Green, Royce, Santayana Wright, entre outros, lançando as bases do movimento pragmático. Ressalta-se as contribuições de John Dewey e Schiller, deixando esta herança intelectual para Roethlisberger e Putnam (WAAL, 2007).

O grupo inicial para o estudo e adoção do pragmatismo no contexto do fazer filosófico era denominado Clube Metafísico. O grupo

afirmava que não se tratava de estarem fundando o pragmatismo pois este método já era usado desde a Antiguidade e, então não era nada de novo absolutamente no método pragmático, do qual Sócrates foi adepto e Aristóteles empregou-o metodicamente (JAMES, 1979).

Com a mesma intenção do uso desse método, objetiva-se acabar com a quantidade de termos parecidos utilizados com significações diferentes na filosofia, ou de forma tão confusa que era impossível compreendê-los. Assim, nada mais eficiente que um método para ligar ao conceito aos efeitos práticos.

O pragmatismo é visto como o reflexo de uma cultura em que o valor de uma pintura é determinado, e quantificado precisamente, num lance de leilão, e em que a grandeza de um filme ou produção teatral se iguala a sua arrecadação ao O que não gera benefício material é sem sentido (WAAL, 2007, p. 20).

A Pragmática, ramo da Linguística analisa o uso concreto da linguagem pelos falantes da língua em seus variados contextos, mas a visão pragmatista é estreita e bastante criticada, sendo, durante muito tempo, encarada como a "lata de lixo" da Linguística, visto que, com o passar do tempo problemas sem respostas eram maiores que as próprias questões discutidas academicamente (BAR-HILLEL, 1971). De modo geral, a Pragmática não é homogênea, havendo diferentes visões quanto ao pragmatismo, o que gerou interpretações mesmo críticas.

2.2 A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA E SUAS POSSÍVEIS DEFINIÇÕES

O campo da Semântica é o das significações e o campo da Pragmática é o campo da linguagem enquanto produção de efeitos. A pragmática linguística aponta para a linguagem como ação em seu desenvolvimento. Conforme informa Cagliari (1990) a Linguística é dividida em ramificações, cujo a relação e campo é de tênue delimitação, citando-se: a Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Psicolinguística, Análise do Discurso, Semântica, Sociolinguística e a Pragmática, assunto deste estudo.

A Pragmática trata-se do ramo da Linguística que analisa o uso concreto da linguagem pelos falantes da língua em seus variados contextos (BAR-HILLEL, 1971), conceito que corrobora Bagno (2001) explicando que a pragmática é o estudo da relação que os usuários da língua mantêm com os signos linguísticos e com os demais falantes. Essa relação infere em vários contextos da fala, no qual se pode comprovar seu o significado real, ou seja, usual.

Silveira (2007) aponta que são muitas as definições formuladas para a pragmática. Observa-se a visão de vários estudiosos:

- Quanto ao significado do falante, o contexto, os usuários e a linguagem em uso, a Pragmática é o estudo das regras indexicais para relacionar a forma linguística a um determinado contexto (BATES, 1976).
- Quanto ao domínio da Pragmática cabem tópicos como a metáfora, a estilística, recursos teóricos em geral e todos os fenômenos relacionados a aquilo que podemos chamar de estrutura temática, o modo como o falante apresenta seu enunciado (KEMPSON, 1977).
- A Pragmática tem como meta complementar de explicar como os determinantes semânticos são estabelecidos pelas marcas identificáveis do contexto, as circunstâncias e as atitudes dos usuários da língua (STALNAKER, 1974).
- A Pragmática, definida de várias maneiras, como os estudos de enunciados reais; o estudo do uso ao invés do significado; o estudo daquela porção do significado que não se caracteriza exclusivamente em termos de condição de verdade; o estudo do desempenho e não da competência, etc. (LYONS, 1987).
- "A Pragmática é o estudo do significado do falante" (YULE, 1996).
- Quanto às propriedades pragmáticas, a Pragmática tem a ver com a maneira pela qual o sistema linguístico é usado (CHOMSKY, 1997).

Conforme Gutiérrez (2005) a Pragmática se guia por princípios que influem diretamente na comunicação, sendo o Princípio da Adequação o

principal para o autor. Aponta que, levando em conta princípios pragmáticos, sociolinguísticos ou socioculturais, para um enunciado alcançar a adequação discursiva necessária é preciso que:

- Que se adapte ao tema da enunciação;
- Que exista uma adaptação ao destinatário;
- Que seja conveniente face ao lugar e ou situação;
- Que cumpra à finalidade comunicativa;
- Que se ajuste ao nível de formalidade;
- Que respeite às normas de um grupo social (por exemplo às crenças);
- Que haja adaptação do nível de língua;
- Que respeite às normas de cortesia;
- Que se adapte às normas da urbanidade.

Conforme Silveira (2007), Leech e Thomas, ambos em 1983, dividiram a Pragmática em Pragmática linguística e Sociopragmática. A pragmática Linguística refere-se aos recursos usados na comunicação e os significados relacionais e interpessoais, por meio de recursos com estratégias pragmáticas, tais como linguagem direta e indireta, clichês entre outros tantos que podem intensificar ou amenizar os atos comunicativos.

A Sociopragmática refere-se à interface sociológica da Pragmática, que varia de acordo com aspectos sociais dos falantes, como, por exemplo, poder, direitos e obrigações, comportamento, dentre outros em suma, a comunicação verbal nem sempre pode ser explicada por processos formais, portanto, a Pragmática surgiu para dar conta de certos fenômenos linguísticos como a ambiguidade, a polissemia, a ironia e as figuras de linguagem em geral.

2.3 O PRAGMATISMO LINGUÍSTICO: ALGUMAS CONCEPÇÕES

No início, Peirce e Willian James pensavam o pragmatismo como expresso numa relação dualista (teoria e prática), pensamento e ação e, sobretudo, significação e verdade. Peirce, inicialmente propôs o pragmatismo pensado como um método ou critério de significação. “O

que se deseja, então, é um método capaz de determinar o verdadeiro sentido de qualquer conceito, doutrina, proposição, palavra, ou outro tipo de signo" (PEIRCE, 1983, p. 6).

As ideias de James sobre o pragmatismo começam a se formar com influências das ideias peircianas, entretanto, distanciam-se completamente. James buscava uma filosofia que abranja a totalidade de problemas fundamentais do homem. Seu interesse humano e sua busca pela psicologia levaram-no à filosofia precisamente em razão de lhe terem suscitado mais questões que resolver (STROH, 1972, p.156).

O pragmatismo de James é nominalista, o significado de ideias e conceitos liga-se aos efeitos particulares deles e tais efeitos devem ser experimentais. James faz de seu pragmatismo passível de ser usado na vida individual das pessoas, no dia-a-dia.

Qualquer ideia que nos ajude a lidar, prática ou intelectualmente, seja com a realidade, seja com o que pertence a ela, que não embarace nosso progresso com frustrações, que de fato ajuste e adapte nossa vida à colocação total da realidade, concordará suficientemente para satisfazer a exigência. Ela será verdadeira daquela realidade (JAMES, 1979, p. 71).

O pragmatismo de James interessa-se pelas consequências práticas dese acreditar que uma ideia é verdadeira e o pragmaticismo de Peirce interessa-se pelas consequências práticas de a ideia ser verdadeira. Portanto, o pragmaticismo peirciano se distancia da interpretação subjetiva e orientada para a práxis, de James.

Peirce, originou seu determinado pensamento sobre pragmatismo e desse modo influiu no curso que a filosofia americana tomou, sendo ele o principal responsável pelo fato de a filosofia na América ter ser voltado afinal para a pesquisa autônoma (STROH, 1972).

Peirce foi um pensador original que iniciou estudos sobre os fundamentos de lógica, sobre filosofia da ciência e sobre metafísica A

filosofia, para Peirce, é uma forma de pesquisa científica, que deve estar desvinculada de propósitos religiosos, morais ou estéticos.

A filosofia deve trabalhar com hipóteses a serem provadas e não com crenças conclusivas. Para que a pesquisa filosófica seja objetiva, Peirce propõe o pragmatismo como método para clarear os significados dos conceitos filosóficos. O método deve ser também capaz de testar as conclusões (STROH, 1972).

O pragmaticismo de Peirce é científico e realista. James (1979) afirma, inclusive, que, para a busca científica, o método de Peirce é mais recomendado. O pragmatismo de James deve se aplicar às questões em que o uso do intelecto não é suficiente para resolver, como afirma o próprio. Isso faz da verdade desse tipo de questões, algo particular.

Peirce mudou o nome de seu método para pragmaticismo, com o intuito de evitar que fosse confundido com outros, como o pragmatismo de James, pois considerava que se afastam completamente de sua concepção original e objetivos.

No entanto, James considerava Pierce com o fundador do pragmatismo norte-americano, inclusive, dedicando a ele seu livro "A vontade de crer" em 1896. Em suma, o pragmatismo, bastante diferente do peirciano, se tornou mais conhecido graças a James.

Esclarece Dascal (1982) que a concepção moderna de "Pragmática" está intimamente ligada à Semiologia dos escritos de Ferdinand de Saussure e da Semiótica dos estudos de Charles Sanders Peirce, ambas caracterizadas como teoria geral dos sinais. A Pragmática, originária dos estudos de Peirce no final do século XIX, é concebida como um nível de análise da linguística e tem como objeto "[...] o funcionamento de algo que envolve o signo, aquilo que o signo representa e aquele para quem o signo representa algo (DASCAL, 1982, p16).

De acordo com Guimarães (1983, p. 16) os estudos pautados nessas fontes apontam três direções para a Pragmática: uma que considera o usuário somente para determinar a relação da linguagem com o mundo (referência), outra que considera o usuário enquanto tal na sua relação com a linguagem. [...] e uma terceira que se configura a partir da linguagem ordinária.

A primeira vertente, conforme Guimarães (1983), também denominada de pragmática indicial, subordina o usuário ao problema da referência, tipo que teria como fonte o signo indicial de Pierce e um compromisso com a semântica lógica, conhecida como sendo objeto da Semântica, por ter como objeto de pesquisa a referência. Segundo Guimarães (1983), tem como filiados a essa vertente os filósofos Bar-Hillel (1954), Stalnaker (1972), os linguistas Jakobson (1963) e Benveniste (1966).

Segundo ainda Guimarães (1983) a segunda vertente da Pragmática centra-se no intérprete que é o usuário da linguagem e o uso que faz da linguagem. Portanto, conforme o autor supracitado, essa concepção considera o usuário do signo formulado por Peirce e tem como representante dessa vertente Morris (1976).

A terceira vertente da Pragmática, também oriunda de Peirce, aprofunda o olhar sobre a língua proposto pela Pragmática, sobre a relação dos usuários com a língua em um determinado contexto, impulsiona-se a partir da década de 1970, pois pesquisas na área da Linguística incluem, em seu objeto de investigação, as variáveis usuário e contexto.

Segundo Espindola (2001), concebe-se o usuário como interlocutor e inclui a Pragmática Conversacional dos estudos de Grice (1982), a Semântica da Enunciação de Ducrot (1972,1987,1988) e Vogt (1980) e A Pragmática Illocucional de Searle (1981) e de Austin (1990).

Em suma, a pragmática teve diferentes desdobramentos que diferem em objetivos de aplicação dos métodos, sendo formuladas, desde o início das discussões no século XIX, estendendo-se até 1962, apontando para a existência de fenômenos relativos ao significado linguístico que indicam que o uso da linguagem.

2.4 O QUARTETO DAS TEORIAS DA PRAGMÁTICA

2.4.1 Teoria das implicaturas

As teorias pragmáticas têm como principal objetivo explicar como os falantes de qualquer língua conseguem usar as sentenças dessa língua para transmitir mensagens que não têm, necessariamente, relação com o conteúdo semântico da sentença usada.

Grice, preocupado com a comunicação e o significado da linguagem, exerceu grande influência sobre linguistas contemporâneos. Grice dividiu os filósofos em dois grupos: os formalistas e os informalistas.

Os formalistas eram preocupados com a imperfeição da linguagem em relação à formal, propondo a criação de uma linguagem ideal com base no modelo formal. Os informalistas não aceitavam a ideia de que a adequação de uma língua pudesse ser julgada por sua capacidade de servir à ciência, visto que uma expressão podia ser perfeitamente compreendida a partir de uma análise de sua significação.

Para que a conversação possa ser analisada Grice propõe a Teoria das Implicaturas, que procura mostrar como o falante transmite o significado pretendido e de que forma o ouvinte é capaz de compreendê-lo, assim como as implicações desse fenômeno na compreensão.

O conceito de Implicaturas, trata-se de proposições que estão implicadas pelo enunciado de uma frase em um determinado contexto, ainda que essa proposição não faça parte do que é efetivamente dito (SILVEIRA, 2007).

A implicatura conversacional aponta para o que é dito e o que se quer dizer. Exemplo:

_Julia, vamos ao cinema?

_Estou com dor de cabeça.

Julia não fala explicitamente que não vai ao cinema, mas fica implícito que devido à dor de cabeça não irá ao cinema. Nesse sentido, a implicatura aponta para dedução do que está sendo dito além do dito. Então, obter o significado por meio de uma implicatura, diz respeito a algo que está implícito no contexto comunicativo.

Portanto, a Teoria das Implicaturas tenta explicar como o significado é alcançado e como os efeitos de sentido vão além do que é dito explicitamente. Grice constrói a categoria de inferências pragmáticas, ou seja, as implicaturas, que para dar conta de efeitos comunicativos.

2.4.2 Teoria dos atos da fala

Para Leech (1983), não se pode compreender a natureza da própria linguagem a menos que se compreenda a pragmática, ou seja, como se usa a linguagem em comunicação.

Para Richards (et al., 1992) a Pragmática é o estudo do uso da linguagem na comunicação, especialmente das relações entre as sentenças e os contextos e situações em que são usados. Portanto, a Pragmática estuda:

- a) Como a interpretação e o uso dos enunciados dependem do conhecimento do mundo real;
- b) Como os falantes usam e entendem os Atos de Fala;
- c) Como a estrutura das sentenças é influenciada pela relação entre o falante e o ouvinte.

Nesse sentido, a **teoria dos atos** ilocutórios de Searle (Searle 1969 e 1979) se assenta no princípio de que quando o locutor pronuncia uma determinada frase, num contexto específico, executa, implícita ou explicitamente, **atos** como afirmar, avisar, ordenar, perguntar, pedir, prometer, criticar, entre outros

Searle (2002) adotou como critério base para a sua classificação dos usos da linguagem, o propósito ilocucionário dividindo em:

- Assertivos: concluir, deduzir, gabar-se, reclamar, constatar;
- Diretivos: tentativas, em graus variáveis, do falante levar o ouvinte a fazer algo, como um convite);
- Compromissivos: (comprometer o falante, também em graus variáveis, com alguma linha futura de ação como prometer, jurar);
- Expressivos: expressar estado psicológicos como agradecer, congratular, dar pêsames ou boas vindas.

A teoria dos atos de fala, filiada à Filosofia Analítica, surgiu quando um grupo de filósofos começou a se interessar pelo funcionamento da linguagem do cotidiano, sendo Austin, na década de 1940, um dos representantes desse grupo.

A teoria dos atos de fala afirma que dizer nem sempre é somente descrever ou declarar e parte dos enunciados teriam seu significado explicado

através do contexto em que desempenham um determinado ato (AUSTIN, 1990).

Segundo Rangel (2004) Austin, foi englobando em seu campo de estudos os efeitos da linguagem, bem como os fatores socioculturais dos falantes da linguagem comum e as consequências da relação do falante com a linguagem/texto. Ele separa os enunciados em enunciados constatativos que descrevem e falam através de afirmações e os enunciados performativos, cujo a realização resulta em um fazer simultâneo.

A abordagem da linguagem com a teoria dos performativos de Austin redimensionou os estudos linguísticos, passando a ser considerados os fatores externos: sujeitos (falantes e ouvintes) e as condições de produção na constituição dos sentidos dos enunciados. Observe-se o exemplo:

Vimos por meio desta, solicitar reparos para os ventiladores de teto da sala de aula.

*Atenciosamente
Os alunos*

Quando dizemos algo executamos três atos simultâneos: locutório, ilocutório e perlocutório. No exemplo apresentado, o ato ilocutório consiste em proferir a frase que está relacionada ao conteúdo linguístico.

O ato ilocutório consiste na solicitação dos reparos dos ventiladores, o que está relacionado com a execução de algo por meio da fala. O ato perlocutório consiste na ação de consertar os ventiladores, efeito causado no leitor.

Em suma, a Teoria dos atos da fala afirma que enunciar algo não é só um ato declarativo mas sim uma ação sobre o real. Introduz o conceito do performativo, o enunciado que realiza o ato de ser o que está enunciando.

2.4.3 Teoria da polidez

Goffman (1967) sugeriu uma forma de ver a língua como uma construção social é através da noção de Face. Nessa direção, a Teoria da polidez ou Teoria das Faces foi desenvolvida por Brown e Levinson (1987) partindo dos estudos de Goffman, sociólogo americano (1967), representando

análise das produções linguísticas orais, nas interação face a face do ponto de vista social.

Este tipo de análise fornece entendimento de como a língua é situada em circunstâncias da vida social e como ela reflete e fornece significado e estrutura a essas circunstâncias (BERTICELLI; SCHIAVINI, 2013).

O conhecimento das noções de Face ou de auto-imagem e a necessidade social para a orientação pessoal na interação são universais à qualquer sociedade, embora tais noções sejam diferentes em cada cultura (BROWN; LEVINGSON 1987).

“A polidez é a manifestação, através da fala, de respeito, em relação à face do outro” (WOLFSON, 1989, p.67). Trata-se de um conjunto de habilidades sociais que objetiva a certeza de que cada indivíduo se sinta socialmente afirmado, consistindo no reconhecimento do ouvinte e de seus direitos dentro de uma determinada situação. (SPOLSKY, 1998).

Em específico, inclui o desejo do sujeito ser ratificado, compreendido, aprovado e admirado. O sentido específico de desejo, desenvolvido por Brown e Levingson (1987), remete ao conceito de Face Positiva, abaixo exemplificado que segundo Goffman (1967, p.71 *apud* JAWORSKY; COUPLAND, 1999),

Diz respeito a uma forma de manutenção da Face, um ritual interpessoal, que se divide em ritual de apresentação e ritual de evitamento. A noção de Face foi dividida por Brown e Levingson (1987) em face positive e faces negativa:

- **Face Positiva** – desejo pessoas de que suas necessidades sejam supridas. Desta forma, a auto-imagem positiva inclui o desejo de ser apreciada e aprovada.

- **Face Negativa** – trata-se do desejo de que suas ações não sejam impedidas pelos outros.

Na dinâmica apresentada, há limites básicos de território/espço, de defesa pessoal, de direito a não distração, por exemplo, o direito de ação e de liberdade frente à imposição. O modo como os sujeitos usam a língua equilibra os aspectos das faces, tanto a positiva quanto a negativa.

“Se pedirmos um favor para alguém, isso pode significar uma mudança no equilíbrio vigente, já que a pessoa a qual foi pedido um favor, terá (ou não) que alterar seus planos” (BERTICELLI; SCHIAVINI, 2013).

De acordo com Goffman (1967, p. 309 *apud* JAWORSKY & COUPLAND, 1999) estudar a forma de manutenção da Face de uma determinada cultura é estudar as regras da interação social, Lacoff postulou tres regras básicas:

- 1- Não imponha.
- 2- Dê opções.
- 3- Faça o ouvinte se sentir bem.

Autores desenvolveram regras de condutas adequadas ao tipo de interação e cultura no contexto comunicativo. No entanto, os princípios de polidez são variáveis de acordo com o contexto inserido. Portanto são afetados por fatores como o poder, a distância social e a cultura.

Em suma, a teoria da polidez está relacionada à elaboração de uma autoimagem, visto que tendemos a cooperar entre nós mesmos na interação, de modo a assegurar nossa própria imagem por meio da linguagem.

2.4.4 Teoria da análise da conversação

A **Análise da Conversação** foi publicada na década de 1960 por Harold Garfinkel e até meados dos anos 70 ocupou-se da descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores (MARCUSCHI, 2000).

O objeto da Análise da Conversação compreende os processos conversacionais, focados na prática cotidiana. A conversação seria “uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum” (MARCUSCHI, 2006, p.15).

Seu foco reside nas conversações espontâneas e em elementos verbais, entonacionais, paralinguísticos e contextuais. O autor supracitado apresenta elementos característicos da conversação nas cinco práticas constitutivas de sua organização:

- 1- Interação entre pelo menos dois falantes;
- 2- Ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- 3- Presença de uma sequência de ações coordenadas;
- 4- Execução em uma identidade temporal;

- 5- Envolvimento numa interação 'centrada' (MARCUSCI, 2006, p.15).

Em suma, conforme Koch (2007), na atualidade, há outros aspectos envolvidos na atividade conversacional que devem ser observados, visto que, a conversação exige uma enorme coordenação de ações que vão além da habilidade linguística dos falantes.

Portanto, atualmente, a análise da conversação é voltada para a descrição das interações verbais, e que se constrói enquanto perspectiva transdisciplinar, preocupando-se com a especificação dos conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais partilhados para que a interação seja bem sucedida.

3 METODOLOGIA

A escolha do caminho a seguir por meio de métodos e técnicas, ou seja, com objetivo de obter conhecimentos aprofundados quanto à Pragmática, valeu-se de leituras realizadas aos apontamentos oferecidos por Severino (2004) sobre a metodologia do trabalho de pesquisa.

O **procedimento técnico** dedica-se a pesquisa de cunho bibliográfico, visto que, **pesquisa bibliográfica** é a base de toda pesquisa e permite, ao investigador, uma ampla cobertura dos fenômenos. É baseada em materiais já elaborados, em especial, periódicos, livros e artigos científicos. Portanto, para trazer os significados e caminhos da Pragmática, bem como sua utilização na sala de aula, foram coletadas informações pertinentes e relevantes para o alcance dos objetivos propostos, revendo as noções mais usuais de pragmática e, a partir desses conceitos refletir como objetivo de aprimorar as práticas linguísticas docentes, citando-se Guimarães (1983), Austin (1990), Ilari (2001), Bagno (2001), Lora (2003), Marcuschi (2000 e 2006), Bavaresco (2011), Berticelli e Schiavini (2013), entre outros de grande valia para este estudo.

Trata-se de uma pesquisa de **natureza básica**, também conhecida como fundamental, pois busca gerar conhecimentos novos para avanço da ciência sem aplicação prática, portanto, a finalidade da pesquisa básica não é imediata. Portanto, tem-se como expectativa que esta pesquisa venha fomentar interesse de outros pesquisadores da área da Educação, em especial, de docentes de língua portuguesa.

Quanto ao **objetivo**, a pesquisa é **exploratória**, visto que objetiva conquistar maior familiaridade com o problema levantado, para esclarecimentos e aprofundamentos, inclusive, instigando pesquisas futuras, conforme já mencionado. A pesquisa exploratória costuma estar associada ao estudo de caso, e como no caso, à pesquisa bibliográfica.

Quanto à **abordagem** é uma pesquisa **qualitativa**, visto que interpreta e analisa os fenômenos, atribuindo-os significados, que não podem ser analisados quantitativamente. Para a devida compreensão e análise das informações coletadas conta com subjetividades e nuances que não são quantificáveis por si só, requer uma análise direta entre o pesquisador e o

objeto de estudo, sendo, então, uma pesquisa de caráter exploratório tem certa subjetivada para a análise dos materiais bibliográficos, estimulando o pesquisador a tecer reflexões analíticas quanto ao tema.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 UM OLHAR PARA A PRAGMÁTICA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Inicia-se esta discussão refletindo-se que a língua tem relação com o poder e com o social, podendo ser um instrumento de opressão ou libertação nos diversos grupos sociais, visto que segundo Bourdieu (1983, p. 160) a língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder. "Não procuramos somente ser compreendidos, mas também obedecidos, acreditados, respeitados, reconhecidos".

Preti (1974) afirmava que não há língua sem sociedade e não há sociedade sem língua. A língua tem o poder de discriminar e de persuadir, tanto de forma positiva quanto negativa, influenciando mudanças de comportamento e valores pré-estabelecidos pelos falantes e sua comunidade.

Conforme Gnerre (1987, p.3) "as pessoas falam para serem ouvidas, às vezes para serem respeitadas e também para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos". Desta forma, entende-se que a relação da língua com o indivíduo, aponta para o poder e para a dinâmica de uma determinada sociedade.

Nessa Direção, Sena (2001, p. 55) comenta que a prática pedagógica do ensino de Língua Portuguesa, que "deve ser entendida como prática política, será realmente libertadora quando extrapolar os limites da comunicação do discurso pedagógico oficial e privilegiar a busca da informação, predispondo professores e alunos a uma luta constante contra a alienação".

Conforme Bakhtin (1999, p. 113) "toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade". Então, as pessoas falam para se comunicar e portanto, a interação que entre os alunos e o professor precisa ultrapassar o ato de informar conteúdos e levar em conta o contexto da

realização da enunciação, pois a palavra funciona como ponte entre o emissor e o interlocutor. Sem pensar juntos, sem a troca de informações e sem levar em conta o conhecimento de mundo de locutor e interlocutor, não há como interagir.

Portanto, se faz necessário que a prática pedagógica do aprendizagem do ensino de língua portuguesa, que é nosso principal meio de comunicação e de disseminação de conhecimentos adquiridos, compreenda um processo ensino-aprendizagem de constante interação para que o aluno obtenha emancipação ao poder expresser seus sentimentos e emoções.

Segundo Bakhtin (1999, p. 92) "enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico. Em prejuízo à **Pragmática**, a palavra, durante a convivência comunicativa entre o professor e o aluno distancia-se da possibilidade do espaço de fala discente nas aulas de Português. O docente utiliza vocabulário envolto na formalidade e obscuro para os alunos.

A escrita é a preocupação maior dos professores de Português, por ser privilegiada pela norma padrão. Afirma Castilho (1998, p. 13) que "atenuou-se, também, a convicção de que o único papel da escola é a transmissão da norma culta". Ignora-se que a escola não deve concentrar-se apenas no ensino da língua escrita, se fazendo necessário a concentração da disciplina de português na reflexão sobre a língua falada no usual, sem a priorização da reprodução de esquemas classificatórios.

Além disso, apesar de mudanças em alguns livros didáticos quanto ao diálogo pedagógico, conforme Loura (2003) sua utilização costatnte representa estar preso somente ao livro didático com material pedagógico é não permitir que o aluno seja capaz de discernir, de questionar, de criticar e de sugerir.

Desta forma, os alunos descobririam a importância da língua falada como ponto de partida e alicerce para a aquisição da língua escrita. "Essas novas convicções apontam para o ensino da Língua portuguesa como uma reflexão sobre a língua como atividade, não apenas como estrutura", apontou o autora supracitada.

A prática da escrita tem se limitado às técnicas de redação, regras, delimitação de números de linhas. Desta forma, as chamadas aulas de

redação, têm-se limitado a encomenda de textos com pretextos de temas, solicitando -se que os alunos produzam um texto sob tal motivação. "E o professor acredita que está trabalhando redação" (NEVES, 1999).

Há vários tipos de textos, com objetivos diferentes, bem como, interlocutores distintos, portanto, muitos recursos e argumentos podem ser utilizados pelo docente para mostrar que escrever não é uma questão de inspiração ou talento, mas de prática e de exercício, pois o ato de escrever não está ligado a "técnicas" e sim às experiências do escritor, mas, raramente o docente leva em consideração o conhecimento prévio do aluno.

Neves (1999) pesquisou seis grupos de professores de língua portuguesa no Ensino Fundamental e Médio constatando que as aulas de gramática consistem numa simples transmissão de conteúdos expostos no livro didático em uso. Verificou que os grupos de quatro exercícios mais aplicados são os relativos ao reconhecimento e classificação das classes de palavras e das funções. Tratam-se de atividades de exercícios de cópia de textos, muitas vezes, denominados de pesquisa. Portanto, considerou que o resultado quanto aos procedimentos metodológicos expostos, não desenvolve habilidades, tanto oral como escrita no aluno de maneira adequada e satisfatória.

A prática de compreensão e interpretação de texto não leva à observação da estrutura, dos recursos utilizados, da linguagem trabalhada e inferências realizadas. Os textos trabalhados também se encontram distantes do aluno, ou seja, descontextualizados da sua prática social. Não há a construção de cenários mentais, o que possibilitaria facilitação da compreensão textual.

Já é de senso comum, que as práticas pedagógicas adotadas, geralmente, não tem preocupação com o desenvolvimento da **leitura** fluente do aluno. Segundo Nenes (1999), aulas de leitura e interpretação devem conter uma recomendação de leitura atenta para a interpretação e expressão para o desempenho oral.

Sena (2001, p.51) comenta no que diz respeito à leitura e ao estudo de texto, "o que se vê é a leitura pela leitura e a preocupação de que a chamada interpretação se restrinja apenas à transcrição e à paráfrase. Portanto, não é há a oportunidade para o aluno questionar as contradições, o que contribui para o conformismo, levando a uma visão de mundo estreita.

"Uma das características que empobrecem o ensino médio da língua materna é a pouca atenção reservada ao estudo da significação (ILARI, 2001, p.12). A prática tem sido ignorada tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, talvez porque os docentes não tiveram essa oportunidade de aprendizado durante sua formação ou também por não terem uma preparação didática-metodológica para trabalhá-la.

Na visão de Neves (1999), o tempo dedicado à **Pragmática** na sala de aula é insignificante se comparado ao tempo dedicado à assimilação de regras gramaticais de concordância e regência, direcionados a formação de um usuário da norma culta da língua, ignorando-se a importância que as questões da significação têm, inclusive seu peso em alguns instrumentos de avaliação importantes, tais como no ENEM e nos vestibulares que tanto exigem interpretação de textos.

Na tradição do ensino quase não se trata do sentido através de exercícios específicos, como acontece com a gramática. No entanto, a pragmática é um dos domínios da linguagem que têm apresentado sérias dificuldades para a investigação científica. O descaso com este estudo aponta para dificuldades intimamente ligadas à amplitude e à complexidade inerentes aos fenômenos relativos ao significado.

De maneira geral, há uma tímida presença da semântica e da pragmática nas aulas de língua portuguesa, regidas por professores que embora policiados por uma supervisão ou direção escolar que exige um método tradicional, tomam a iniciativa de maior interação com os alunos, fazendo-os refletir sobre seu papel na sociedade, sobre a importância da língua em qualquer ambiente e sobre o sentido das palavras contextualizadas.

O trabalho em sala de aula com a **pragmática** se vale de materiais diversos, tais como jornais, revistas, propagandas, poesias, músicas, teatro, filme etc. Aproveita-se a fala, a criatividade e a história do aluno para fazer da Pragmática parte constante das aulas, tornando-as dinâmicas, políticas, sociais, interativas que apontam para os cenários cotidianos construídos.

É nítido que professores já repensam sua prática pedagógica e começam a inovar mas segundo Neves (1999), nas aulas de Língua Portuguesa não há um olhar para a aplicação da **Pragmática**, o que considera-se uma relevante abordagem. Portanto, a falta ou escassez aplicação dos

princípios e métodos da **Semântica** e da **Pragmática** nas aulas de Língua Portuguesa é preocupação constante.

Há de se estigar o raciocínio que leva a percepções quanto a referências, pressupostos, informações implícitas, subentendidos, acarretamentos, ambigüidades, conotação, contextualização, intertextualidade e tantos outros aspectos **semânticos** e **pragmáticos**, que atuam no sentido das palavras.

Ressalta-se que estas são nomenclaturas científicas que podem ser trabalhadas com o aluno de Ensino Fundamental, quando houver necessidade, dúvidas e questionamento, pois fazem parte de conteúdos programáticos do Ensino Médio. O que deve ser levado em conta é que o aluno perceba os recursos utilizados no texto escrito e como tais recursos influenciaram na leitura e na compreensão do texto.

4.2 A PRAGMÁTICA NA PRÁTICA DISCURSIVA

A Pragmática, no campo especificamente linguístico, dá origem a correntes de estudo diversas: Linguística Aplicada, Análise do Discurso, Análise do Erro, a novas teorias de aquisição/aprendizagem/ensino de línguas, “não só da língua materna estrangeira” (SILVEIRA, 2007).

As regras impostas para determinado uso da língua são instituídas pela prática social, sendo que, o que caracteriza esta prática são as atitudes normativas das pessoas envolvidas. Essas atitudes são compostas por conceitos de regras que conduzem à avaliação das ações por meio de sanções. Essas atitudes têm uma estrutura social normativa em que as regras estão implícitas como práticas sociais, constituindo, portanto, a pragmática normativa (BAVARESCO, 2011).

Conforme o autor supracitado, o conteúdo dos conceitos a partir de seus usos denomina-se inferencialismo pragmático. Brandom (2009) aponta para o domínio prático sobre as inferências envolvidas. Então, para as possíveis leituras, recorre-se à inferências em nível linguístico-discursivo ou em nível contextual (enunciação). Nesse sentido, o conteúdo semântico está ligado ao significado pragmático, compreendendo a inferência de forma pragmática, como um tipo de ação.

O termo inferência é entendido como uma operação lógica que coloca relação entre enunciados dados, contextuais, convencionais e pragmáticos, visando contruir uma significação. Cummings (2005) observa que o alicerce da Pragmática está na noção de inferência. Observa-se o exemplo:

Todos os motoristas usam cinto de segurança.

João é um motorista.

Podemos facilmente concluir que João usa cinto de segurança.

Essa conclusão forma a base do processo inferencial.

“Está frio aqui nesta sala”.

O falante espera que o ouvinte entenda esse enunciado como um pedido indireto para fechar a janela, e não apenas uma constatação.

Cummings (2005) divide as inferências em três categorias: dedutivas, elaborativas e conversacionais:

- **As inferências dedutivas:** intimamente relacionadas com a lógica e com a semântica das Condições-de-Verdade;
- **Inferências elaborativas:** relacionam-se à psicologia e à inteligência artificial.
- **Inferências conversacionais:** associadas à Pragmática, por estarem mais associadas a processos inferenciais abduativos e a questões de adequação, e não a aspectos formais e psicológicos, como fazem as inferências dedutivas e as elaborativas.

Já que o aspecto representacional do conteúdo é entendido a partir da dimensão social da comunicação, a Pragmática analisa a linguagem considerando a influência do contexto comunicacional, extrapolando assim a visão da Semântica e da Sintaxe, observando o contexto extralinguístico.

Isso equivale a ir além do significado das palavras e da estrutura sintática e do valor de verdade das sentenças para incluir os elementos contextuais que fazem com que o significado, em uma acepção pragmática, dê conta de mais do que é explicitamente dito na interação lingüística e torne possível a análise dos atos realizados por meio da linguagem (MARCONDES, 2005, p. 27).

Portanto, a Pragmática estuda a relação existente entre o significado das palavras, os interlocutores e o contexto o que aponta para o contexto discursivo, o contexto situacional, o contexto social, bem como a intenção comunicativa dos interlocutores. Por exemplo, a pergunta:

_ “É muito tarde?”

Em um contexto pode estar se referindo a um pedido de informação sobre as horas. Em outro contexto pode se referir a uma interrogação sobre ter chegado atrasado. Para formular um agradecimento, entre outras possibilidades, podemos dizer:

_ “Valeu!”

_ “Muito obrigada!”

_ “Fico muito grata!”

Tudo vai do contexto mais formal ou informal em que a mensagem é transmitida, bem como, os diferentes interlocutores envolvidos no processo comunicativo.

Uma construção realizada indica que os significados não estão nas palavras, mas são elaborações dos sistemas cognitivos da mente, portanto, a **Pragmática** se ocupa da observação dos atos de fala e suas implicações culturais e sociais.

Nessa visão, o sentido está na utilidade, ou seja, no efeito prático que os atos de fala podem gerar. Portanto, o que realmente importa é a comunicação e o funcionamento da linguagem entre os usuários, concentrando-se nos processos de inferência pelos quais se compreende o que está implícito. Observa-se os exemplos:

Falante 1: - *Nossa, as janelas estão todas abertas! Como está frio aqui*

Falante 2: - *Só um momento, irei fechá-las.*

Nota-se que o falante 1 não solicitou que as janelas fossem fechadas, mas o falante 2 inferiu, através da análise do que foi dito por seu interlocutor, ou seja a intenção implícita no discurso do falante 1, que, para eliminar o frio, deveria fechar as janelas.

Falante 1: - O ambiente ficou muito escuro depois que as persianas foram fechadas.

Falante 2: - Vou abri-las novamente.

O falante 1 não expressou oralmente que gostaria que as persianas fossem abertas, mas o falante 2 inferiu, através da análise do contexto comunicacional, que, para eliminar a escuridão do ambiente, as persianas deveriam ser abertas, intenção pretendida implicitamente pelo falante 1.

O exemplo apresentado compreende questões quanto a pressupostos e subentendidos, informações expressas implicitamente em um texto e não expressas de forma direta (BUNDE, 2020).

O gênero textual charge tem a função social de criticar situações cotidianas as mais diversas, através do humor gerado por vários recursos linguístico-discursivos. Observa-se o exemplo seguinte:



Ilustração 1: o lixão :Fonte: <<http://www.humortadela.com.br>. 2009.

Esta charge aborda um tema cotidiano, mas para que o leitor o identifique os personagens e os fatos que o texto faz referência, ou seja dialoga, o contexto sócio histórico e o contexto, os elementos linguísticos, o veículo do enunciado como revista, jornal etc. (ESPÍNDOLA, 2001, p. 110).

A charge apresenta dois personagens interagindo, a mãe e o filho. Verifica-se que a colocação da mãe pode ser considerada absurda para o

contexto, ou seja, à situação que o texto não verbal mostra, um lixão. Portanto, há uma informação além do dito, tratando-se de uma crítica a má distribuição de renda no país que leva pessoas a recorrer ao lixão para sobreviver.

Trata-se de pressuposto e subentendidos, geralmente, sugeridos pelo texto, através do contexto inserido ou por marcas linguísticas, para que o leitor realize uma leitura que leve para além da informação explícita, pressupondo e subentendendo ideias implícitas nas entrelinhas.

A diferença entre pressupostos e subentendidos se dá na identificação. Enquanto pressupostos são sugeridos pelo texto, sob mais fácil identificação, os subentendidos são uma dedução do próprio leitor a partir do texto (BUNDE, 2020). Portanto, Pressupostos são informações que se pressupõe de outras informações adicionais que podem ser identificadas e compreendidas a partir de expressões ou até mesmo palavras presentes nas orações.

As marcas linguísticas dos pressupostos podem ser verbos que indicam sentido de fim, mudança, continuidade: começar, deixar, acabar, continuar e etc., dvérbios dos mais variados tipos (como finalmente, já, depois, felizmente e demais), pronome de introdução (que); locuções indicadoras de circunstância (depois que, visto que, desde que). Observa-se alguns exemplos de pressupostos:

Decidi parar de comer carne.

Pressuposto: A pessoa comia carne antes.

Finalmente acabei meu livro.

Pressuposto: Demorou um longo tempo para finalizar o livro.

Alunos que estudam pela manhã têm melhor rendimento.

Pressuposto: Muitos alunos não estudam pela manhã.

Os Subentendidos dizem respeito à insinuações que dependem da interpretação do leitor. Não possuem marcas linguísticas ou avaliação de contexto, podem ser verdadeiros ou não, dependem única e exclusivamente de quem interpreta o texto. Observam-se alguns exemplos de subentendidos:

Diana virou vegetariana no mês passado.

Subentendido: Ela comia carne antes de virar vegetariana.

Quando sair de casa, pegue o casaco.

Subentendido: Está frio na rua.

Você vai voltar a pé a esta hora da madrugada?

Subentendido: Oferecendo uma carona ou alertando sobre o perigo de andar sozinho neste horário.

Os atos de linguagem indiretos constituem uma forma de se dizer algo a mais, em algumas situações, uma informação totalmente diferente, do que está dito na estrutura linguístico-discursiva do enunciado.

Existem momentos em que o processo de produção, no lugar de reproduzir-se no seu efeito, segue direções inusitadas, instala-se como criação. Essa modalidade de produção, "na qual o produto diverge das condições de seu engendramento, ou seja, em sua dupla natureza o elo entre linguagem e subjetividade ora reproduz, ora inventa os dois termos do par" (TEDESCO, 2003, p. 85).

Este fenômeno foi tratado por Searle (2002, p. 47) como atos de fala indiretos. Esclareceu que há casos de significação que o falante quer significar literalmente o que diz, mas há casos em que o quer significar o que diz, mas também quer significar algo mais e também casos em que o falante quer significar o que diz, e também significar um conteúdo proposicional diferente. Observa-se o cartum:



Ilustração 2: Um mal entendido: Fonte: <<https://fabianocartunista.wixsite.com>. 2018.

Segundo Silveira (2007) a comunicação é uma atividade humana complexa e nem sempre a compreensão é garantida, isto é, mal-entendidos ocorrem em interações comunicativas, sejam elas interculturais ou não. Ficou nítido que houve um mal-entendido na comunicação entre as minhocas por conta do duplo sentido da frase “Olhem, o passarinho!”

A minhoca que fotografava as outras, ao enxergar o passarinho sobrevoando o local, representando uma ameaça, usou a frase no sentido literal, antes de se esconder. Mas as outras interpretaram a frase no sentido conotativo, que utiliza esta frase para marcar o momento da pose para a foto, por conta disso perderam a vida. Portanto, observa-se o quanto que o contexto comunicativo é importante, visto que uma mesma frase pode ter sentidos diferentes. Portanto, leva em consideração não somente a língua, mas também a situação de comunicação.

A entonação também rege o contexto comunicativo. Percebe-se pela expressão facial da minhoca fotografa que, em função da situação, que a frase “Olhem, o passarinho!” não foi pronunciada com a entonação de alegria, como acontece na fala de alguém que prepara os outros para uma foto, o que não foi percebido pela dupla de minhocas empolgadas. Observamos outro exemplo:



Ilustração 3: Obesidade. Fonte: <<https://fabianocartunista.wixsite.com>. 2018.

Por meio de elementos verbais e não verbais, o cartum traz um contraste entre dois rapazes, e tecendo para uma crítica reflexiva quanto a obesidade e má alimentação. O primeiro rapaz está acima do peso e demonstra satisfação em devorar sua alimentação não saudável consistindo em hambúrguer, refrigerante e batatas fritas. O segundo rapaz, com aparente peso normal se alimenta de forma saudável por meio de suco, frutas, verduras e legumes.

O comentário do segundo rapaz, em resposta ao comentário do primeiro, leva dedução de um conselho embutido: mude de alimentação pela sua saúde, o que não foi mencionado no texto explicitamente, mas de forma implícitas e subentendidas. O sentido nem sempre está explícito no texto, precisando ser construído, partindo-se da interpretação dos diferentes recursos utilizados pelo emissor. O receptor para a devida compreensão da pretendida mensagem necessita apresentar um repertório linguístico e social.

Observando-se os exemplos, compreende-se que a **Pragmática** busca estabelecer a relação entre o conhecimento linguístico, em termos sintáticos (construção das frases) e termos semânticos (significado das frases), com o contexto em que essas frases foram empregadas.

Ainda, reflete-se que para identificar informações implícitas o destinatário vale-se das inferências, que significa inferir, ou seja, identificar os sentidos por meio de deduções e conclusões, possibilitadas pelas marcas linguísticas do texto (oral, visual ou escrito), em conjunto com a situação e conhecimentos prévios do interlocutor, expectador ou leitor. Portanto, os sentidos a serem construídos nas mais variadas situações de interlocução fazem parte dos estudos da Pragmática.

4.3 A PRAGMÁTICA LINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO DE LEITORES

Segundo Deleuze (1992) o ato de Ler no que se refere ao sentido das palavras não se prende a uma única possibilidade de sentido e efeito. Lembrando que o sentido é estudado pela Semântica e o efeito pela Pragmática e quanto a isso Berticelli e Schiavini (2013) informam que o filósofo Wittgenstein sobre linguagem, recomendou que é preciso observar as

condições de uso, mais especificamente nesta dinâmica que estabelece na leitura: texto e condições de uso X leitor e suas condições, visto que leitor e texto se encontram “em condição” e a qual condição determina o efeito da leitura.

As condições de uso remetem a contexto social, econômico, político, ideológico etc. Portanto, ler um texto é lê-lo em situação, pois não há um leitor fora do tempo e do espaço. Na concepção de leitor, de leitura e também na formação de leitores a história exerce efeito sobre o intérprete o próprio texto na história com o leitor (BERTICELLI; SCHIAVINI, 2013).

“O ato de ler é um ato histórico, pregnante de sua historicidade” (RANGEL 2004, p. 11). Portanto, o leitor no contexto da **pragmática linguística**, observa-se que o mesmo texto lido pela mesma pessoa em tempos diferentes resulta em leituras diferentes. “A força ilocucionária do texto será diferente em tempos e em espaços diferentes, em sínteses: em condições diferentes, em situações diferentes.

Na concepção de Austin o contexto em que as palavras estão inseridas, bem como as condições de produção são determinantes para a significação do enunciado, reforçando a importância dos elementos extra-linguísticos como constitutivos do sentido e efeito sobre o interlocutor (ZANDWAIS, 2002).

Todos os elementos extralinguísticos que compõem, junto com os elementos linguísticos, se denomina leitura. A formação de leitores diz respeito a uma trama de elementos linguísticos que se estabelecem como elementos subjetivos conscientes e inconscientes que atuam na constituição do ato de ler (RANGEL 2004).

“Hoje é cada vez mais convincente a noção pragmática de que o contexto de um ato de fala não é uma ‘grelha estável’ mas sim um ‘processo interativo contínuo’ (MARQUILHAS, 2005, p. 3). Portanto, formar leitores é formar para a compreensão do movimento histórico em que texto e leitor se veem envolvidos em toda leitura.

Formar-se como leitor é construir capacidades na relação leitor-texto e a **Pragmática Linguística** se constitui em ferramenta contemporânea para que os leitores possam estabelecer aproximações mais eficazes às diferentes E dinâmicas textualidades.

4.3 O ENSINO DA PRAGMATICA SEGUNDO A TEORIA DE GRICE

Apresentação - Segundo Espíndola (2001) conhecer essas categorias pode garantir uma interação satisfatória e pode ser um instrumento para o docente de língua portuguesa utilizar tanto na produção quanto na correção de textos de diversos gêneros textuais. Portanto, com as devidas adequações é possível utilizar essas categorias como critérios concretos para ensinar a produzir textos e também avaliar textos produzidos em sala de aula.

As máximas conversacionais de Grice foram pensadas para o contexto da conversação, mas podem ser utilizadas para o ensino de produção textual. A violação intencional das máximas conversacionais, conforme Grice (1982), gera as implicaturas conversacionais, quais constituem um implícito pragmático. Mas a violação também pode não intencionalmente, por desconhecimento das regras de construção de um texto de determinado gênero, gerando incoerência e dificuldades na interação.

Conteúdo teórico para a aula expositiva dialogada - Paul Grice (1982 [1967]) ficou intrigado com a possibilidade de um enunciado comunicar mais do que o sentido literal veicula. Portanto, levanta a hipótese que direciona a sua pesquisa e teoria proposta afirmando que deve haver regra para que o falante diga mais do que está dito literalmente e para que o ouvinte capte a informação adicional que a interação veicula.

A teoria proposta por Grice (1982 [1967]) ofereceu uma perspectiva para investigar, compreender e descrever os implícitos linguísticos e os pragmáticos que são as implicaturas convencionais e não convencionais, partindo da hipótese de que os participantes de uma interação fazem esforços cooperativos para a comunicação, trat-se então do princípio da cooperação. O estudioso postulou máximas em quatro categorias devem ser cumpridas para que uma interação (conversação) seja bem sucedida:

- 1- **Categoria da quantidade:** relacionada com a quantidade de informação a ser fornecida para o propósito corrente da conversação e que não seja mais informativa do que é requerido.
- 2- **Categoria da qualidade:** contribuição verdadeira, não proferindo aquilo que diante não acredita-se ser falso, s'proferindo então aquilo possa fornecer evidência adequada.

3- **Categoria da relação** – aponta para a relevância.

4- **Categoria do modo**: referindo-se a como o que é dito deve ser dito, evitando a obscuridade de expressão, as ambiguidades, a prolixidade desnecessária, primando sempre pela ordem lógica compreensível.

Atividade prática - observa-se o exemplo da questão com o seguinte comando: 1- imagine-se um repórter no local onde ocorreu um fato a ser retratado. 2- Redija um texto noticiando o fato para ser publicado no jornal. 3- observe as seguintes orientações: seguir a estrutura de uma notícia, texto entre 12 e 15 linhas, utilizando a norma padrão. Então, o aluno parte da observação das máximas de quantidade, qualidade, relação e modo no considerando o gênero que foi solicitado: uma notícia.

Avaliação - conhecer as máximas e as possibilidades de aplicação pode servir de subsídio para professores que trabalham com leitura e produção de texto, escrita em todos os níveis de ensino (ESPÍNDOLA, 2001). Para verificar se a máxima da quantidade, inicialmente, é preciso observar características requeridas pelo gênero notícia: *quem, onde, quando, o quê e como* (se possível), o que determina, inclusive, a quantidade de informações. Mas especificamente, o docente observa também se um ponto de vista do redator sobre o assunto, o nível informativo e de argumentividade.

A avaliação pode ser realizada de maneira coletiva, ou seja, os textos são distribuídos para duplas ou grupos de alunos, por exemplo, que socializaram suas percepções. Os alunos buscaram pela presença da máxima da qualidade, ou seja, se problema noticiado no texto advém de outras notícias e reportagens veiculadas em meios de comunicação, pensando que o gênero textual notícia requer que os fatos divulgados possam ser provados por aquele que os divulga. *“Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada”* (GRICE, 1982).

Caso o aluno produtor do texto escrevesse sobre um outro assunto, diferente do solicitado haveria a constatação de um caso de não relevância. Com relação à máxima do modo, é preciso considerar a utilização ou não da norma padrão da língua portuguesa no que diz respeito aos elementos de coesão.

CONCLUSÃO

Verificou-se que no início do séc. XX, quando a Linguística se estabeleceu com Ciência, os estudos relacionados à linguagem se preocupavam com os aspectos formais e ignoravam os fatores extralinguísticos. No entanto, a partir da Pragmática houve direcionamento para a relação língua/ contexto/ motivação dos interlocutores.

A Pragmática é afiliada ao pragmatismo filosófico, à Filosofia da Linguagem e à Semiótica. Recebeu contribuições da Antropologia, Psicologia, Filosofia, Sociologia, da Sociolinguística, entre outras áreas. Compartilha das seguintes vertentes: a Semântica, que observa as relações do signo com o objeto (significação) e a Sintaxe que se ocupa da relação formal entre o signo, mas a Pragmática ocupa-se da relação do signo e o contexto dos falantes que participam da comunicação. Vale-se do seguinte quarteto de teorias: "das implicaturas", "dos atos da fala", "da polidez e da "análise da conversação".

No geral, dependendo da abordagem, a Pragmática define-se como o estudo do significado a partir do ponto de vista do falante (como este realiza sua comunicação). Diz respeito ao significado contextual (organização do enunciado conforme o falante diz o que quer dizer a partir de "para quem", "com quem", "quando", "com qual finalidade conforme a motivação". Observa como se diz algo além do dito, compreendendo o implícito, (pressupostos e subentendidos). Portanto, trata-se do uso linguístico na interação entre este sistema de uma língua, entre a linguagem e entre a sociedade.

Ficou passível de conclusão que lançar um olhar docente para a Pragmática Linguística na prática cotidiana das aulas de Língua Portuguesa auxilia efetivamente no desenvolvimento de competências e habilidades comunicativas, que apontam para o letramento que deve ser o objetivo prioritário da formação escolar.

As atividades relativas a esta área do saber devem ser dosadas conforme o nível e modalidade de ensino e, por conta do seu caráter interpretativo e analítico exercitam habilidades do processo da crítica reflexiva, apontando para a emancipação, para a concretização da cidadania ativa, bem como, provêm mecanismos intelectuais para os estudantes darem prosseguimento a estudos posteriores e para que venham a participar do mercado de trabalho competitivo e exigente.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J.L. (1962) **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artemed. 1990.
- BAGNO, Marcos. **Norma linguística, hibridismo & tradução**. 2001. Universidade de Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/pdf>. Acesso em jan. 2021.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Latiud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAR-HILLEL, Y. "Indexical Expressions", "Out of the Pragmatic Wastebasket". 197. Mind 63, Linguistic Inquiry. 1971.
- BATES, E. (1976). Language and context: The acquisition of pragmatics. New York, NY: Academic Press. Disponível em: <https://www.michiganspeechhearing.org/pdf>. Acesso em jan. de 2021.
- BAVARESCO, Agemir. **O pragmatismo**. Revista de Filosofia Philosophy. Vol. 8, nº. 2, julho-dezembro, 2011, São Paulo: Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>. Acesso em: nov. de 2020.
- BRANDON, Robert. (1994). **Pragmatismo e inferencialismo**. Oxford. University Press. 2009. Disponível em: <http://www.ugr.es/~frapolli/expresivismoeinferencialismo.pdf>. Acesso em dez. de 2020.
- BERTICELLII, Ireno Antônio; SCHIAVINI, Daniela Paula. **Significados da Pragmática Linguística na Formação de Leitores**. BrasilEducação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 571-586, abr./jun. 2013.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas**. In: Ortiz, R. (org.) Bourdieu – Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática. (1983).
- BROWN, Penelope; LEVINGSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BUNDE, Mateus. **Oralidade e Escrita**. 2020. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/portugues/oralidade-e-escrita>. Acesso em: dez. de 2020.
- CAGLIARI, L.C. **Caminhos e descaminhos da fala, da leitura e da escrita na escola**. Secretaria de Estado da Educação - São Paulo / Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1990.
- CASTILHO, A T. **A Língua falada no ensino do português**. São Paulo: Editora Contexto, 1998.

CHOMSKY, N. **Novos horizontes no estudo da linguagem**. 1997. Disponível em: <https://ken.pucsp.br/delta/article/view/44110>. Acesso em dez. de 2020.

CUMMINGS, louise. **Pragmatica: uma Multidisciplinaridade e Perspectiva**. 2005. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/15427580802286314>. Acesso em dez. de 2020.

DASCAL, M (1982). **Fundamentos metodológicos da linguística – vol. IV: Pragmática**. Campinas.

DELEUZE, Gilles. **O ato de criação - Conferência de 1987**. Édition critique. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

GUIMARÃES, Eduardo R. J. **Sobre os caminhos da pragmática**. Sobre Pragmática, Revista das Faculdades Integradas de Uberaba – FIUBE, Série Estudos – 9, 1983.

GRICE, Herbert Paul. **Lógica e conversação**. In: DASCAL, M. Fundamentos metodológicos da linguística – v. IV: Pragmática. Campinas. (1982).

ESPÍNDOLA, Lucienne. **A charge no ensino de língua portuguesa**. (2001) . UFPB, v. I, n. 3, p. 107– 116.

GUTIÉRREZ G. L. **Teoria da Ação Comunicativa (Habermas)**. Veritas, v. 58, n. 1, jan./abr. 2005.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essays on face-to-face behavior**. Garolen City, N.Y.: Anchor/Doubleday, 1967.

ILARI, Rodolfo. **Pragmática**. In: Glossário Ceale. 2001. Disponível em: <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/pragmatica>. Acesso em: nov. de 2020.

JAMES, William. **Pragmatismo e outros textos**. Coleção Os Pensadores. Trad. Jorge Caetano da Silva, Pablo Rubén Mariconda. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

JAMES, William (1896). **A vontade de crer**. Trad. Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2001.

JAWORSKI, Adam; COUPLAND, Nicolas. **The Discouse Reader**. New York: Routledge, 1999.

KEMPSON, Ruth M. **Teoria Semântica** (Semantic Theory). (Cambridge Textbooks in Linguistics.) Cambridge: Cambridge University Press, 1977. Pp. xi+216. Disponível em: cambridge.org/core/journals/language-in-society/article/abs/ruth-m-kempson-semantic-theory-cambridge. Acesso em fev. de 2021.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmatics**. 5ª ed. Cambridge: Cambridge University Press. 1983.

LOURA, Maria do Socorro Dias. **A marginalização da Semântica e da Pragmática na sala de aula**. Editora Universidade Federal de Rondônia. 2003. Disponível em: http://www.primeiraversao.unir.br/artigos_volumes/numero117MariaSoc.pdf. Acesso em dez. de 2020.

LYONS, John. **Linguagem e Linguística - uma Introdução**. Editora: Itc. 1987. Disponível em: <https://www.estantevirtual.com.br>. Acesso em dez. de 2020.

MARQUILHAS, Rita. **Conceito de Pragmática Linguística na Mise-en-Page do Texto Escrito**. In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson (Org.). *Cultura Letrada no Brasil: objetos e práticas*. Campinas: Mercado das Letras, 2005.

MARCONDES, Danilo. **A Pragmática na filosofia contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (2005).

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000. 94p.

MARCUSCHI, L.A. **Análise da Conversação**. São Paulo, Editora Ática, 2006. 96 p.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos**. São Paulo: UNESP, 1999.

PEIRCE, C.S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: Os Níveis de Fala**. Editora Nacional, 1974.

RANGEL, Eliane de Fátima Manenti. **Uma Nova Concepção de Linguagem a partir do Percorso Performativo de Austin**. Revista Letra Magna. Porto Alegre, ano 01, n. 1, seg. sem. 2004.

RICHARDS, Jack et al. **Longman Dictionary of language teaching & applied**

linguistics. Novíssima Gram. London: Longman, 1985/1992.

SANTOS, Fabiano. **Koizas da vida** – tirinha. Disponível em: <<https://fabianocartunista.wixsite.com/>>. Acesso em: jan. de 2021.

SANTOS, Fabiano. **Koizas da vida** – cartum. Acesso em: <<https://fabianocartunista.wixsite.com/>>. Acesso em: jan. de 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1971.

SEARLE, John R. **Expressão e significado**. São Paulo: Martins Fontes. (2002).

SENA, Odenildo. **Palavra, Poder e Ensino da Língua**. Editora Valer, Campnas. Sp. 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. Cortez. 22a ed. São Paulo (2004).

SILVEIRA, Silvana Souza. **Teoria das inferências pragmáticas do tipo implicatura**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. (2007) Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/.pdf>. Acesso em jan. 2021.

SPOLSKY, Bernard. **Sociolinguistics**. Oxford University Press, 1998.

STALNAKER, Robert. (1974). **Pressuposições pragmáticas**.. In M.K.Munits and D.K. Unger (eds), *Semantics and Philosophy*. New York: New York University Press, 197-213. Disponível em: <file:///C:/Users/Netebook/Downloads/8637214-Texto%20do%20artigo-6955-1-10-20150617.pdf>. Acesso em jan. 2021.

STROH, Guy W. (1968). **A filosofia americana: uma introdução (de Edwards a Dewey)**. Trad. Jamir Martins. São Paulo: Cultrix, 1972.

TEDESCO, Juan Carlos. **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?**. Brasília: Cortez, 2003.

YULE, G. (1996). **Pragmática**. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: <https://www.scrip.org> . Acesso em dez. 2020.

WAAL, Cornelis. **Sobre pragmatismo**. Trad. Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Loyola, 2007.

WOLFSON, N. **Perspectives, sociolinguistics and TESOL**, Cambridge: Newbury House Publishers, 1989.

ZANDWAIS, Ana (org.). **Relações entre pragmática e enunciação**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2002.